



MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 21 | SET 26



OS ATRAÍDOS

Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 57 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Meu nome é Mario Aquino Alves. Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 57 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias



Meu nome é Renato. Tenho 64 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, quiabo, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sêrvio, Sêrvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas avô que ensinava latim. Tenho 56 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa, das regorgitantes, a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto e, principalmente, atolado.



ÍNDICE

MARCADORES

Renato Guimarães Ferreira 5

CAMINHO SUAVE

Ana Maria Malik 12

A GRAVIDADE DOS LIVROS

Sérvio Túlio Prado Júnior 16

CACHORRINHO SAMBA VAI À ACADEMIA

Mario Aquino 19

MARCADORES

Quando criança, eu tive nefrite. Eu devia ter uns 10 anos e percebia, de maneira ainda não plenamente consciente, que era muito grave. Meus pais não tinham carro e, apesar do meu tamanho, me levavam ao médico carregando-me no colo. Lembro-me vagamente de minha mãe um dia chorando escondido em um canto do quarto junto a uma amiga, pois a inflamação havia atingido também o coração. Certamente enfraquecido pela doença e sem ainda a capacidade de entender o sentido daquilo tudo, eu tinha apenas um pressentimento de que eu vivia um momento delicado.

Foi nesse período que comecei a ler muito. Para passar o tempo nos dias em que precisava ficar em repouso na cama, eu pedia livros para ler. Meus pais, vivendo com orçamento apertado, faziam de tudo para consegui-los para mim. A principal fonte era a Biblioteca Municipal – meu pai fazia questão que eu lesse livros e não revistas de histórias em quadrinhos. Segundo ele, isso provocava preguiça mental, com a gente se acostumando mais a ver as figuras do que a ler propriamente. Era assim que ele justificava sua própria inaptidão para a leitura, fazendo disso um ponto de honra: ele faria de tudo para que eu lesse livros, ficando as revistas em quadrinhos reservadas apenas para as férias.

A outra fonte de livros era a coleção de um amigo do trabalho dele: Clássicos da Literatura Juvenil. Eram 50 volumes adaptados que eu, sistematicamente, fui lendo pouco a pouco. Era uma maravilha, todo um mundo que se abria para mim: “Os três mosqueteiros”, “David Copperfield”, “Ilha do Tesouro”, “Aventuras de Tom Sawyer”, “O Conde de Monte Cristo”, “20.000 léguas submarinas”... O combinado era que eu pegasse dois livros

de cada vez e só pegasse outros dois quando terminasse de ler os que levava para casa. Li a coleção completa, o que ultrapassou o período da minha doença e se estendeu por vários anos. Isso foi, naturalmente, um marcador fundamental da minha vida, algo que me deu régua e compasso para a exploração do universo da leitura.

Essa experiência foi a matriz de uma relação que se consolidou ao longo do tempo: ler nunca foi uma questão de entretenimento para mim. Nunca li para “matar o tempo”, mas, pelo contrário, para valorizá-lo, expandi-lo, vê-lo se manifestar de diferentes formas. Lia, e ainda leio, para me entender e entender o mundo (duas coisas que, apesar de tantas leituras, continuo não entendendo muito bem).

Eventos marcantes permeados pela literatura foram se sucedendo e trago à memória aqui apenas alguns. Em todos eles há leituras marcando a vida e a vida marcando as leituras.

Ao redor dos quinze anos, um professor do curso ginásial percebeu meu interesse por literatura e me recomendou a leitura de “Guerra e Paz” do Tolstói. Isso ocorreu no final dos anos 70, em plena ditadura, da qual eu não tinha ideia alguma. Em casa, este era um tema sobre o qual nunca se falava nada. Só me lembro que, um dia, comecei a comentar sobre o livro enquanto jantávamos e meu pai achou minhas observações muito estranhas... Foi até o colégio para entender melhor a razão da indicação e acabou me sugerindo, de maneira delicada, mas firme, que adiasse a leitura daquele livro para um pouco mais tarde. Ficou evidente para mim que as palavras tinham peso e consequência.

Foi mais ou menos nesse período que comecei a ler o Drummond. Não tenho memória de como cheguei a ele, mas essa descoberta acabou se revelando como muito importante – mais do que uma obra, descobri um companheiro de viagem. Nunca deixei de lê-lo, de escutar sua voz.

Vim para São Paulo para fazer faculdade e saí do primeiro semestre com uma "tarefa" sugerida por uma professora que eu admirava muito: ler "Os irmãos Karamazóv" e "Grande Sertão: Veredas". Li os dois nas férias de julho daquele ano de 1980 e, ainda que tenha gostado muito do primeiro, foi o segundo que me deslumbrou e abriu todo um outro universo de perspectivas e possibilidades. Costumo dizer que a leitura deste livro dividiu minha vida em duas partes. Foi e continua sendo o livro mais importante da minha vida.

Fiz muitas coisas influenciadas por essa paixão. Em primeiro lugar, uma viagem descendo o São Francisco em uma chata, um tipo de embarcação de pequeno calado que abastecia as cidades ribeirinhas com produtos alimentícios. Foram mais de dez dias em um barco, com cerca de duzentas pessoas, que contava com quatro banheiros e um enorme espaço para colocarmos nossas redes. Passávamos as manhãs no deck, debaixo de um sol danado, lendo, olhando as águas escuras do rio ou tocando violão. Sá e Guarabyra eram cantados o dia inteiro, lembrando a profecia do beato que dizia que o sertão ia alagar.

Parávamos com frequência nas cidades às margens do rio e, enquanto os trabalhadores da chata desembarcavam mercadorias, explorávamos as ruas de terra de cidades como Januária, Carinhanha, Bom Jesus da Lapa, Remanso, Sento Sé. O livro que me acompanhou nessa viagem foi justamente o "Grande Sertão: Veredas", que li então pela segunda vez.

Mais do que companhia, ele fora motivo da viagem, que na verdade foram duas – a da chata e a do livro. Às vezes as duas se sobrepunham e se tornavam uma só. Outras vezes se afastavam, e uma iluminava e ilustrava a outra.

Outra viagem que fiz influenciado pela leitura do livro e as paixões despertadas por ele foi para participar da Semana de Estudos Rosianos em Cordisburgo – cidade natal do Guimarães Rosa. Viagem densa, com dias

inteiros marcados por atividades com outros leitores de sua obra: caminhadas ecoliterárias, cafés sertanejos, escuta dos Miguilins contando histórias de seus vários livros... Em um dos dias, fui a Andrequicé, distrito de Três Marias que ficava relativamente próximo dali, para visitar a antiga casa do vaqueiro Manuelzão que se tornara um museu. Manuelzão foi um companheiro do Guimarães Rosa em suas andanças pelo sertão e tornou-se um personagem de alguns contos seus. Fui sozinho, atento ao caminho e aos sons que entravam pela janela que deixei bem aberta. Chegando lá, em meia hora tinha visto tudo o que achava que seria possível de ver no pequeno vilarejo. Parei e pensei: "Puxa, eu andei um bocado para vir até aqui e não tenho mais nada o que fazer. Vou dar um tempo na praça e ver se acontece alguma coisa..." Bom, eu, que não fumo, comprei um cigarro de palha numa vendinha na praça e fui me sentar em um banco à sombra de uma árvore grande, esperando um milagre acontecer. Afinal de contas, foi o próprio Guimarães Rosa quem disse que "quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo". Um homem apareceu do outro lado da praça, sentou-se timidamente no mesmo banco que eu e começamos a conversar. Conversa vai, conversa vem, ele me disse que trabalhava na roça e que era seu dia de folga. Sabendo-me turista vindo de longe, ofereceu-se para me levar a uma cachoeira próxima à cidade. E lá fomos nós para um lugar cheio de pedras, pássaros e água cristalina. Ele me mostrava tudo com um ar de quem reconhecia a beleza que havia ali, mas não gostava de ficar falando dela. Apresentava e se recolhia. Entrei na água gelada e saí com os olhos presos às vacas que se aproximaram para matar a sede. Voltei com uma fome do cão e parei na mesma vendinha onde havia comprado o cigarro de palha e pedi um almoço. Convidei meu mais novo amigo para almoçar junto comigo, mas ele disse que tinha algo mais a fazer. Foi um banquete mineiro, com uma sequência infindável de pratos deliciosos, cheios de memória das histórias do Guimarães Rosa.

Ao voltar para Cordisburgo, passei na pousada para trocar a roupa suja pela poeira de Andrequicé antes de ir para o museu em homenagem ao Guima-

rães Rosa. O museu ficava na casa onde ele nascera e vivera parte de sua infância e onde também seu pai, "seu" Florduardo, ou simplesmente "seu Fulô", tinha uma venda. Tive vontade de comprar cachaça, farinha e rapadura, mas só encontrei memórias de outros tempos, de outras leituras.

Nesse fluxo de momentos de vida entrecortados pelas coisas que lia e de leituras marcadas pelas coisas que vivia, trago a memória forte de outro momento fundamental. Era final dos anos 80 e eu estava atravessando um período muito turbulento, em que a tensão entre a vida (uma paixão desenfreada) e a morte (a doença terminal de um amigo que me fora muito próximo) me fazia colocar em questão tudo o que fazia. Vinha tendo uma ascensão rápida no trabalho, mas parecia faltar ao cotidiano aquela dose de poesia e beleza que me parecia fundamental na vida. Vendo o exemplo de outras pessoas vivendo coisas muito distintas do que eu experienciava, ficava me perguntando: "O que é que estou fazendo comigo? É este mesmo o caminho que quero percorrer? É desse jeito que quero viver e ser lembrado na minha morte?" O livro que estava lendo naquele momento de tantas dúvidas era "A lição do amigo" – uma compilação de cartas do Mário de Andrade para o Carlos Drummond de Andrade, organizada por este último. Fiquei particularmente tocado pela informalidade com que o Mário se dirigia ao Drummond, a quem dizia coisas que julgava impossíveis de serem ditas ao poeta que me parecia tão inacessível. Eram coisas duras, mas dotadas de uma carinhosa objetividade. Este trecho me tocou particularmente:

"Li seu artigo. Está muito bom. Mas nele ressalta bem o que falta a você — espírito de mocidade brasileira. Está bom demais pra você. Quero dizer: está muito bem pensante, refletido, sereno, acomodado, justo, principalmente isso, escrito com grande espírito de justiça. Pois eu preferia que você dissesse asneiras, injustiças, maldades moças que nunca fizeram mal a quem sofre delas. Você é uma sólida inteligência e já muito bem mobiliada... à francesa.

"Com toda a abundância do meu coração eu lhe digo que isso é uma pena. Eu sofro com isso. Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo. Apesar de todo o ceticismo, apesar de todo o pessimismo e apesar de todo o século 19, seja bobo, mas acredite que um sacrifício é lindo. O natural da mocidade é crer e muitos moços não creem. Que horror!"

A leitura que fiz do trecho foi a seguinte: "estou bem pensante demais, refletido, sereno, acomodado... Preciso aproveitar minha juventude e experimentar outras coisas." No dia seguinte à leitura deste trecho eu pedi demissão da empresa onde trabalhava. Resolvi fazer uma viagem sem data de retorno para a Europa, uma espécie de mochilão tardio, já que não tinha tido oportunidade de fazer isso antes. No embalo dos acontecimentos, achei que precisava escrever uma carta para o Drummond, contando o que a leitura daquele trecho específico tinha provocado em mim. Enviei pelo correio para a editora, pois não tinha seu endereço. Para minha surpresa, algumas semanas depois ele me respondeu. Nessa carta ele dizia:

"É sempre bom para um escritor saber que seus livros atraíram a simpatia do leitor. No caso, o livro não é propriamente meu, mas de Mário de Andrade, cujas lições você absorveu com tanta emoção. Fico feliz, assim, de ter contribuído, com a publicação das cartas dele, para o enriquecimento interior de você."

Isso ocorreu no início de 1987, seis meses antes de sua morte. Eu tinha dado seguimento ao meu plano e saído da empresa e do Brasil. Eu estava morando em Londres quando ele morreu. Tinha comigo um livro seu, o "Antologia Poética" – na verdade, este fora o único livro que levava comigo do Brasil. Saí sem rumo de casa e fui andando de livraria em livraria em busca de traduções para o inglês de poemas seus. Eu tinha poucos amigos em Londres, mas imaginava que, se encontrasse algum deles, eu precisaria compartilhar a leitura de algum poema do Drummond para mostrar a

potência de sua sensibilidade. Senti até mesmo vontade de ler algum poema seu em voz alto, no meio da rua, para que todos soubessem que ele existiu. Foi uma noite triste.

Depois de algum tempo em Londres, fui morar em Berlim. Morei por quase dois anos na parte ocidental da cidade, ainda então dividida como resultado da Guerra Fria. Seguia lendo com a seriedade de sempre e novos autores foram se revelando para mim. Encontrei em uma Biblioteca Pública da cidade o livro “Lavoura Arcaica” do Raduan Nassar e o li avidamente. Foi uma revelação, uma alegria e uma dor. Uma verdadeira epifania. Como chorei ao ler aquele livro que, costurando a prosa mais linda que possa haver, me trazia a memória do país do qual eu, naquele momento, estava tão distante. Pela linguagem, eu nutria a saudade e o desejo de um dia voltar. O Raduan me ajudou a me reconectar com o Brasil.

Com o passar do tempo, outras leituras vieram. Algumas eu esqueci, não tiveram muito impacto nas coisas que vivi. Outras foram importantes demais e se tornaram verdadeiros marcadores da vida. Penso no Caio, na Adélia, no Machado, no Milton, na Clarice.... Todos eles, de uma maneira ou de outra, passaram a fazer parte da minha vida e impactaram meu jeito de ver e viver. Suas palavras tiveram peso e consequência no meu destino. Não consigo pensar na minha história sem pensar nas coisas que li ao longo dela. Na verdade, o que sou hoje é o resultado de minhas decisões, das minhas circunstâncias e das minhas leituras – não necessariamente nessa ordem.

Renato Guimarães Ferreira



CAMINHO SUAVE

No século XX, acho que todas as pessoas que eu conheço foram alfabetizadas usando a cartilha Caminho Suave. Z era de zabumba e o vovô tinha visto a uva. Salvo engano, não era mesmo a vovó. Se fosse hoje possivelmente seria o/a vovô/ó. Aliás, demorei muito a descobrir o que era uma zabumba. Nem me dava conta, apesar da sonoridade do nome, de que poderia ser ligada à música. E agora me pergunto por que zabumba e não zebra?

Todos alfabetizados usando o Caminho Suave, também adotado na minha escola. Menos eu. Eu tinha uma amiguinha, que ainda é minha amiga hoje em dia, alguns poucos anos depois; ela era mais velha e já ia à escola. Por alguma distorção psicológica, dela e minha, brincávamos de escolinha e assim eu aprendi a ler. Primeiro ponto, ela continua mais velha do que eu, embora cada vez menos. Segundo, nem me lembro de ela ter um viés autoritário e eu de passividade, mas a memória às vezes trai. Terceiro, lembro claramente do livro que ela usou. Super adequado para a educação de uma menininha, nestes nossos tempos de alto índice de gravidez na adolescência. O livro se chamava **O segredo de dona Girafa**. E o segredo, revelado no final do livro, era que ela dava à luz uma girafinha. Não se falava de nenhum senhor Girafa, nem de inseminação nem de geração espontânea, mas era um livro com figuras lindas. Será que tinha viés feminista? Foi assim que as girafas se tornaram uma das minhas espécies animais favoritas. Perdem, salvo engano, na minha preferência, apenas para os os ornitorrincos, com os quais eu me identifico muito. Consultei a internet

o livro apareceu e tem um título alternativo: **a girafa feliz**. Gosto mais do que li, da girafa que escondia um segredo. Atrás dos seus grandes olhos com os seus longos cílios, mas isto já é delírio meu.

Lembro muito das noites de segunda feira quando ia com meu pai à Livraria Mestre Jou, que ficava na Rua Augusta, para baixo da Rua Oscar Freire, algumas lojas depois do cinema e da lojinha de cachorro-quente localizados bem na esquina. Os pais da amiga que me ensinou a ler tinham uma loja de roupas infantis que ficava ali pertinho, mas nessa época muito pouco comércio ficava aberto depois de escurecer, estamos falando do começo dos anos 1960. Nessa época a Augusta apenas começava a ser uma rua da moda. Anos depois era para onde íamos, entre amigas, aos sábados pela manhã saindo do colégio, para ver o movimento, algumas vitrines, long plays e, principalmente, meninos. Hoje, setembro de 2026, a Augusta é triste, transformada num canteiro de obras, para a construção de apartamentos minúsculos até de alto luxo. E eu continuo pelo bairro, andando pelos mesmos lugares, mas com outras visões e outros pensamentos.

Meus pais foram muito importantes na minha formação como leitora. Nas incursões pela livraria me lembro de ter comprado livros da Isa Silveira Leal, da qual pouco se fala hoje, mas que distraia meus finais de semana. Além disso também li Helena Morley, **Minha Vida de Menina**, sobre o qual ouvi comentários recentemente. O mesmo ocorreu com Cazuzo, livro do Viriato Correa, com muitas aventuras de um menino maranhense. Para mim, na época, isso significava tanta ficção quanto o **Jardim Secreto**, de Frances Bennett, onde por primeira vez descobri que a Índia era um lugar encantado, quente e cheio de magia. Depois vieram todos os livros sobre **a pequena casa, na campina, na montanha, na pradaria**, contando as histórias de uma família estadunidense que se aventurava pelo Meio Oeste dos Estados Unidos, de Laura Ingalls Wilder, para minha surpresa, conforme informação de minha sobrinha e da minha cunhada,

atualmente no streaming¹. Na mesma toada, Mulherzinhas e Mulherzinhas crescem, de Louise May Alcott. E ainda havia, para garantir mais uma vez a boa educação, pois o filme do Almodóvar² é muito mais recente, havia toda a biblioteca rosa, da qual destaco As desgraças de Sofia³, da Condessa de Ségur.

Saindo da pegada de boas meninas, e naquela época não havia o gracejo afirmando que boas meninas vão para o céu e meninas más vão para todos os lugares⁴, vamos para o hoje execrado Monteiro Lobato. Devo à sua coleção do Sítio do Pica Pau Amarelo meu interesse pela Mitologia Grega, por história, por algum conhecimento de geografia e por muita fantasia, com a boneca Emília que até hoje cito e que considero minha precursora por ter tomado as pílulas falantes do Dr Caramujo (segundo a boneca, Dr Cara de Coruja). Um bom menino pelo qual me encantei foi o pequeno Lord Fauntleroy, da mesma Frances Burnett. E todo o Alexandre Dumas que me abriu a cabeça para a história da França de outros tempos, com os mosqueteiros do Rei e a revolução francesa. A coleção que tínhamos em casa começava com José Balsamo e a maçonaria, passava pelos mosqueteiros e os vinte anos depois, o colar da rainha. Muitas viagens sem sair de casa. Sinceramente, não tive a menor dificuldade em tornar a leitura uma das minhas atividades favoritas. Pollyanna sempre me inspirou com o jogo do contente, e deve ser por isso que muitos psicoterapeutas sobrevivem.

Minha vida não teria sido a mesma sem **E o vento levou**, tanto o livro quanto o filme. Claro, como sempre, o livro era muito melhor, MAS eu me sentia em condições de responder, ainda adolescente, naqueles programas de perguntas para ganhar prêmios, sobre este tema. Esta foi a única situação em que os personagens do filme correspondiam ao que eu imaginava: Scarlett era a Vivian Leigh; Rhett era o Clark Gable. O único erro de casting foi o Leslie Howard. Eu jamais teria me apaixonado por aquele Ashley. Quando, décadas depois, foi lançado **Scarlett** um livro só para aficionados, minha sobrinha mais

[1] - Pelo menos a Little House on the Prairie.

[2] - La mala educación, filme de 2004

[3] - Les Malheurs de Sophie

[4] - Good girls go to heaven, bad girls go everywhere

nova e eu lemos e nos reunimos para falar a respeito. Ela resumiu brilhantemente: o livro era desnecessário, mas pelo menos ficamos sabendo o que aconteceu com aquela nossa amiga de tanto tempo atrás. Tive minha fase de Pearl Buck, uma mulher ganhadora do Nobel de Literatura em 1938, que me abriu os olhos para uma China absolutamente desvinculada da atual, mas que me fez enxergar quantos mundos pode haver no mundo. Tanto Mulher Imperial quanto Vento Leste Vento Oeste me encantaram e, como se dizia na literatura romântica, me arrebataram. Aliás, o mesmo ocorre com James Clavell, e toda sua saga asiática. Não era uma época em que se tinha à disposição Murakami ou Ishiguro, entre outros, mas estou falando de como se começa a criar uma leitora.

E para terminar, tenho outros grandes favoritos daqueles tempos, tão diferentes entre eles que explicam minha enorme desorganização mental que perdura até hoje: *Desiré* (o grande amor de Napoleão), onde aprendi sobre a Suécia, a **Montanha Mágica** que me fez conhecer Thomas Mann e o que significa erudição e as biografias de **Maria Antonieta** e de **Mary Stuart** pelo Stefan Zweig, o mesmo do Brasil do futuro. Quando vejo listas dos melhores livros já escritos, me desespero porque há muitos que nunca lerei. Às vezes, porque não gostei tanto assim de um ou outro. E porque, por exemplo, Mia Couto não é mais conhecido do que é. Ainda me causa muito espanto sua obra maravilhosa, **Jesusalém**, ter em brasileiro o título **Antes de Nascer o Mundo**.

Tantos livros, tão pouco tempo, tão árduo o caminho...

Ana Maria Malik



A GRAVIDADE DOS LIVROS

Sim, acho que eles nos fazem. Não sei se a todos nós, alguns de nós. Gente que os orbitou e os orbita, e que por vezes até colide, e se espalha em lascas, de maior ou nenhum entendimento. Ou que então os absorve, como um sol em agonia nos milhões, ou bilhões, de anos de brilho que ainda lhe sobrem.

Eles sempre estiveram aí, ao meu redor, ou eu ao redor deles, não sei a certo, “matéria atrai matéria...” li uma vez. A biblioteca da casa já foi meu quarto, grandes chances de vir a ser, em breve, a casa toda onde vou morar.

A enciclopédia, a Barsa, vermelha, gigante, o primeiro real e verdadeiro amor naquelas estantes de tantas cores e tomos. A sensação de tudo do que havia para saber estar ali... Disso já falei aqui nesta mesma Magnética. Mas a história aqui é diferente. Acho que foi meu pai quem viu, ou minha mãe que lhe teria narrado à noite algum episódio vespertino onde eu abrisse o volume 1, decidido a ler um a um até o fim. O fato é que eu lembro desse primeiro avanço e de não entender muito bem as instruções de uso ou as justificativas para obra que ali estava. Fiquei sabendo depois, já tinha eu mesmo a minha família, que a enciclopédia tinha sido a primeira compra deles, edição 1968. Na casa em que recém-casados passavam a morar, levaria ainda bom tempo para que os móveis fossem comprados.

Meu pai, não sei se no dia ou no fim de semana seguinte, antecipando a a frustração da empreitada que eu me construía, me revela a chave que infinitamente mais funcional e interessante. Pensar no tema e então

buscá-lo, na ordem das letras do alfabeto - ah, abriu-se a porta! Até hoje, em formatos digitais e submissões algorítmicas, a minha preferência inevitável é sempre por algum padrão de indexação, uma curadoria ilustrada que me traga algo daquele conforto primitivo onde o universo do que se havia para saber cabia numa única prateleira.

Houve depois uma Bíblia, Editora Delta, ano 1980, que eu achava linda, mas não lia. Acompanhava a segunda enciclopédia adquirida pela família, 12 anos depois da primeira. Ilustrações, fotos da Terra Santa, e o Sermão da Montanha, em páginas destacadas, coloridas, com letras simulando o gótico. Talvez esse eu tenha lido nessa época, com o fascínio pela editoração diferente de tudo mais que havia ali.

Muito antes disso, um outro episódio, e aí eu era realmente muito novo, uns 4 anos, *eons* antes de aprender a ler. Houve sempre muitos livros militares, história da guerra. Minha mãe me vê então interessado pelas fotos em um volume que apresentava a trajetória das *Waffen-SS* como unidade de combate, mas sem referências visuais às *SS-Totenkopfverbände* e aos campos de concentração. O que eu posso dizer é que ela não poupou detalhes para que eu soubesse exatamente do que se tratava o horror daquilo tudo, ainda que as imagens disso aquele livro em particular não mostrasse.

Mais remotos ainda, são os livros do meu avô, muito antes de mim, não o conheci. O que eu tenho são as memórias de outros. E vestígios - "Biblioteca de Antônio Prado Júnior", carimbado em livros de encadernados, muitos eu sei por ele mesmo. Além de trazer uma paixão antiga para nossa reunião de pauta deste mês - uma segunda edição do dicionário-enciclopédico *Petit Larousse Illustré* (1906) - estive com mais três deles este fim de semana: dois volumes da Suma Teológica de São Tomás de Aquino, com escolásticas e precisas marcas de traça, tratando do direito e da justiça. Edição bilíngue, primeira tradução integral para o português. A rápida leitura do primeiro texto, foi cheia de

profundezas e contundências para as minhas angústias do dia, o entendimento de um outro livro, o que tenho hoje como eixo e guia. E, ao lado desses dois, um pequeno livreto, anotado, falando sobre mente, emoções, relaxamento. Entre as suas páginas, um recorte do Estadão, algum momento dos anos 60, tendo crime e psicanálise como tema.

Foi ele o eleito entre os irmãos para ser quem estudaria. Liceu, latim, revolução de 32, professor no Dante, direito, São Francisco, turma de 1940. Seguiu a vida toda no estudo das línguas e do que envolve o que se chama hoje consciência. Dr. Prado, sério, severo, delegado geral em Campinas. Meu pai, um dia, numa das poucas conversas mais profundas que tivemos, o descreveu com palavras que já não me lembro ao certo, mas que me fizeram, só enquanto conversávamos, saber talvez quem ele tenha sido. Meu filho mais novo, Antônio Prado também, estuda hoje direito e psicologia. E quase fala japonês.

Sendo eles, os livros, o centro de tanta e tamanha coisa, quando não estão, nos faltam. Eu me lembro bem de afastamentos. Na minha infância, por cinco anos, manteve-se quase toda a biblioteca fechada em caixas, as enciclopédias e os dicionários como exceção - uma cidade em que fomos morar e que deveria ter sido uma estada breve, mas não foi... E já maduro os tive também distantes por períodos mais longos do que gostaria - reformas da casa, mudanças, e hoje, monções e abismo. Me fazem falta, acho que como o chão faz falta às vezes aos astronautas. Porque são esses, e são assim, os livros que nos valem. Eles são graves, talvez mesmo alheios a superfície. Eles são como pesos que se atraem distorcendo os planos, definindo as formas. E movem, assim, todo o universo.

Sérvio Túlio Prado Júnior



CACHORRINHO SAMBA VAI À ACADEMIA

Tenho uma lembrança muito carinhosa de “Cachorrinho Samba”, de Maria José Dupré. Não sei dizer exatamente o que havia de diferente naquele livro em relação aos outros que eu já havia lido. Sei apenas que alguma coisa aconteceu ali. Eu terminei Samba e quis mais. Fui atrás dos outros livros da autora publicados pela Editora Ática (lembro da série Cachorrinho Samba na Fazenda, Cachorrinho Samba na Bahia, Ilha Perdida e outros...) e, quando percebi, já estava percorrendo a coleção inteira.

Acho que foi nessa época que comecei a me tornar realmente um leitor. Não apenas alguém que lia porque havia um livro em casa ou porque precisava ler para a escola. Comecei a devorar livros. Terminava um e queria imediatamente outro. Lia sempre que podia, levava o livro comigo, prometia parar em determinado capítulo e, claro, continuava. Havia aquela ansiedade maravilhosa de querer saber o que viria depois e, ao mesmo tempo, não querer que a história terminasse.

Por isso, quando penso hoje em Cachorrinho Samba, penso menos em um livro específico e mais no começo de uma relação que nunca mais terminou. Depois vieram muitos outros livros, autores e descobertas, mas aquela série de Maria José Dupré ocupa um lugar especial na minha memória. Foi ali, de algum modo, que descobri não apenas o prazer de uma história, mas também o de ler. E, principalmente, a vontade de nunca ficar muito tempo sem um livro nas mãos.

Mario Aquino



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

